

Aos poucos, informática chega à Estralural

Várias casas e até mesmo barracos já contam com microcomputadores

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2003, 33,6% dos domicílios do Distrito Federal possuíam um microcomputador. No entanto, os lares da classe média e classe média alta do Plano Piloto, Taguatinga, Sobradinho, Guará e outras regiões do DF já não são os únicos lugares onde se pode encontrar computadores no Distrito Federal.

A exemplo do que ocorreu com a televisão há alguns anos, já é possível encontrar micros em lares onde faltam muitos outros eletrodomésticos. Adquiridos de segunda mão, por preços que variam de R\$ 400 a R\$ 700, parcelados ou ganhos de presente, os PCs chegam, tímidos, à periferia de Brasília.

Na Vila Estralural, por exemplo, em meio ao comércio e às casas de alvenaria, não é difícil encontrar computadores. Em lares mais humildes, construídos com pranchas de madeira, a tarefa de achar um micro é mais fácil do que se imagina.

Isso quer dizer um avanço na inclusão digital? Sim e não. Para o professor Emir Suaiden, do Departamento de Ciências da Informação e Documentação da Universidade de Brasília (UnB), o fato de existir um mercado e de as pessoas de classes mais humildes se interessarem em adquirir computadores significa que a informática está se po-

pularizando entre eles.

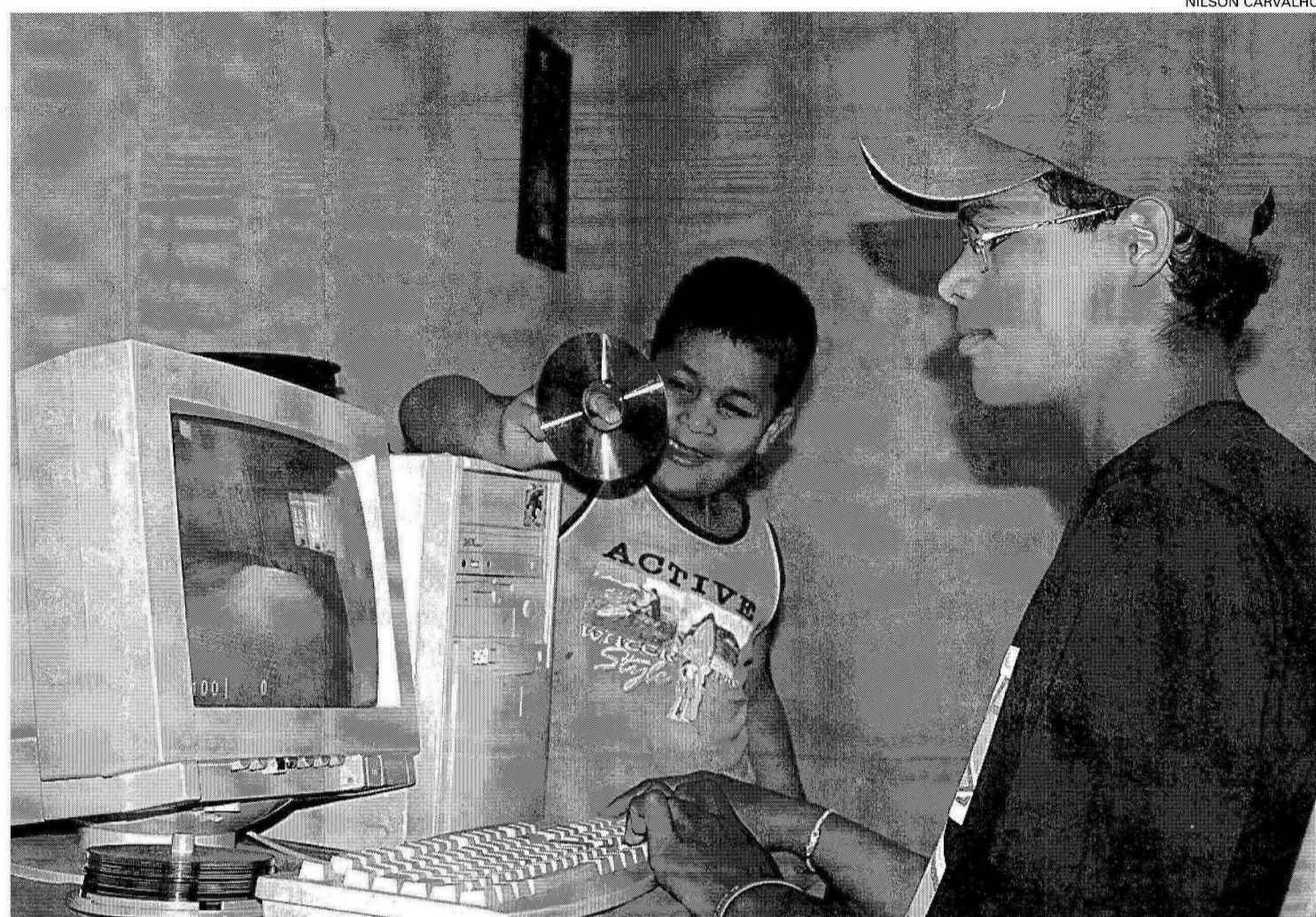
Suaiden ressalta, entretanto, que ainda falta muito para que as classes humildes que adquirem esses computadores saibam utilizá-lo em todo o seu potencial e, mais do que isso, saibam fazê-lo em seu próprio benefício.

"No Distrito Federal, você tem uma soma muito grande de oportunidades de acesso. Além de as pessoas estarem adquirindo os computadores, temos também um número relativamente alto de telecentros, em comunidades e escolas. Mas não basta ter acesso.

Algumas escolas têm laboratórios de informática, mas não têm professores capacitados para usá-los", ressalta Suaiden.

CAPACITAÇÃO - O professor acredita que a sociedade deve investir em capacitação para utilização da informática e que, mesmo com pessoas que sabem fazer uso do micro, é preciso fazer um trabalho de conscientização. "Mesmo com as classes mais pobres adquirindo computadores, vê-se que eles são utilizados para música, para joguinhos. Não se vê o micro revertendo em benefício das notas das crianças na escola, ou sendo utilizado pelos pais para ter mais conhecimento de seus direitos, acessar na Internet o que é de interesse deles. Na maioria desses lares, os pais nem sabem utilizar a máquina", comenta Emir Suaiden.

Muitos aparelhos são doados ou comprados de segunda mão, mas em bom funcionamento



Os irmãos Bruno e Marconys têm um computador, mas não possuem impressora. "Usamos o micro só para jogar games", diz Marconys

Rede mundial ainda é um sonho

De fato, a maioria dos cheques de família em casas com computador na Estralural não sabe ou tem apenas noções de como utilizar o computador. Acesso à Internet? É algo que está ainda longe da realidade do local, que não tem sequer linha telefônica.

"Era nosso sonho botar Internet", diz a dona de casa Janaína Oliveira Mendes, 27 anos. Ela e o marido compraram um micro usado, no valor de R\$ 700 dividido em duas vezes, há cerca de um ano. "Os meninos jogavam game na ca-

sa do primo deles e viviam pedindo. Eu não sei nem ligar", explica Janaína.

No momento, o computador, que é mais de Juliana, oito anos, e Pedro Henrique, seis, do que dos pais, está fora de uso. Os meninos instalaram tantos CDs com joguinhos copiados de colegas na máquina, que um vírus apareceu. Mesmo sem nunca ter usado Internet, Janaína acredita que ela seria útil em casa. "Eles poderiam fazer pesquisas para o colégio".

Na casa do mecânico José

Barbosa da Silva, 38 anos, que também fica na Estralural, o computador veio inesperadamente: é uma máquina usada, dada pela patroa da doméstica Jeciralda Cirilo da Silva, 32 anos, esposa de José.

Os filhos do casal também já eram experientes em brincar de games na casa de amigos. "A gente usa para jogar e assistir DVD", diz Marconys, de 15 anos, enquanto joga sob o olhar atento do irmão Bruno, de seis anos.

Questionado sobre se já usou o PC para imprimir al-

gum trabalho de escola, Marconys responde que não. "Não tem impressora e eu não tenho outro lugar para imprimir", confessa. O pai e a mãe não sabem usar, e a máquina fica instalada no quarto dos dois irmãos.

José Barbosa diz que, se a família fosse comprar um computador com mais recursos técnicos, teria que fazê-lo em parcelas. "A gente já tinha planos. Mas é difícil achar computadores por aqui, agora é que começaram a aparecer", diz Barbosa.

De madeirite, mas com micro

A dona de casa Maria da Luz Sampaio mora em uma região ainda mais humilde da Vila Estralural do que a parte onde moram Janaína e José: ela vive com o marido, que é servente de obras, e com duas filhas, em uma casa de madeira. Há quatro meses a família tem um computador.

"A gente tinha uma máquina fotográfica digital que meu marido comprou numa oferta de televisão, e depois ele trocou por um computador", conta Maria da Luz, que primeiro diz não saber mexer no micro, mas depois confessa: a única coisa que sabe fazer ne-

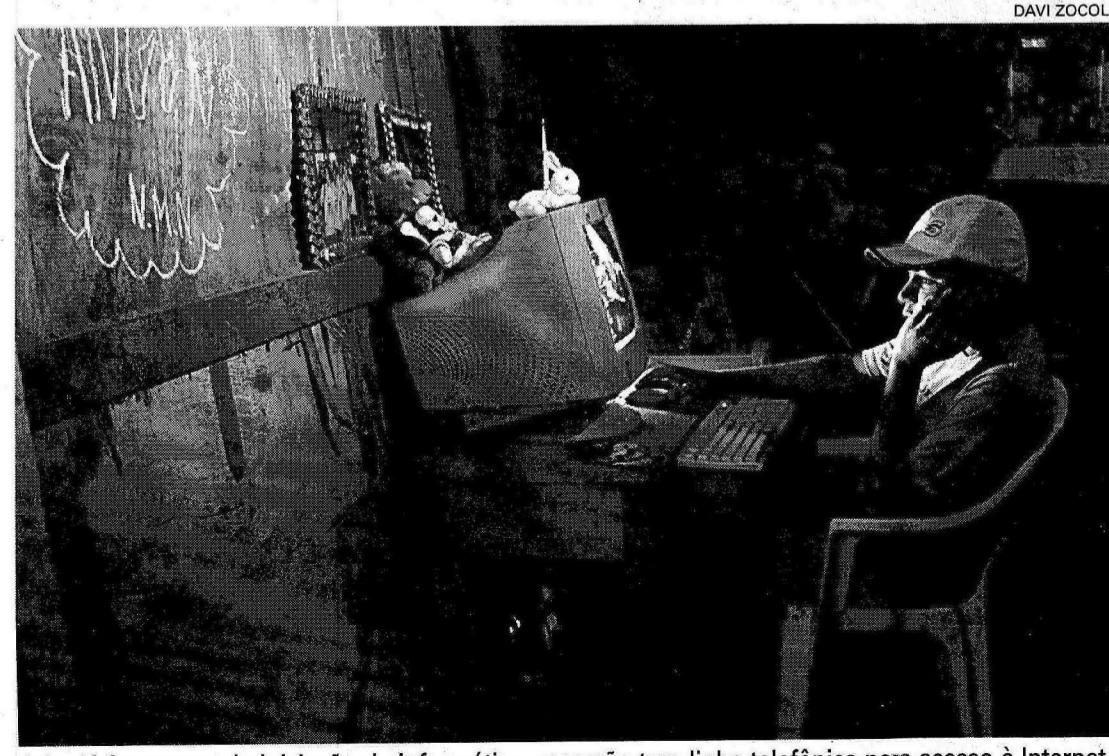
le é ligar e clicar direto no jogo Show do Milhão, instalado pelas duas filhas. "Eu me distraio jogando", diz.

TELEFONE - Idalina Jaira Sampaio, 15 anos, filha de Maria da Luz, brinca com outros jogos e grava CDs para o pai. No entanto, há um problema essencial para o acesso à Internet: a linha telefônica.

"Uma vez, quando a gente precisou fazer um trabalho de escola, teve que ir para o escritório onde minha tia trabalha no Cruzeiro", conta Jaira, que já fez cursos de informática em Taguatinga e um oferecido

pela Administração da Estralural. "Sempre que tem cursinho coloco ela para fazer", diz a mãe. "Ela vai poder arranjar um emprego melhor".

Este não é o primeiro computador da família de Maria da Luz: ela conta que já tiveram um usado, mas precisaram vendê-lo. Ela comenta também que mais pessoas do que se imagina têm micros na Estralural, mas que os habitantes não gostam de comentar. "Eles têm medo de vir alguém e roubar. Mas, aos domingos, tem até uma feira aqui, onde vendem computador baratinho", conta.



Jaira já fez cursos de iniciação de informática, mas não tem linha telefônica para acesso à Internet